Título Jac Leirner
Data 2013
Publicação PEDROSA, Adriano; DUARTE, Luisa (eds). *ABC – Arte Brasileira Contemporânea*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

Autor Julieta Gonzalez
Artista Jac Leirner

1961, São Paulo.
Vive em São Paulo

JAC LEIRNER

1

1. ***Corpus deliciti***, 1993
cinzeiros, cartões de embarque, passagens aéreas, aço e acrílico
118 x 40 x 47 cm

2. ***Nomes (Muro)***, 1989
sacolas plásticas e manta de poliéster
56 x 120 x 132 cm

Julieta Gonzalez **Seu trabalho parte de uma acumulação obsessiva de objetos, reconstituída em estruturas seriais e acretivas que, por sua vez, os ressignificam. Você cria circuitos e sistemas através da reorganização de objetos cotidianos, códigos que implicam novos valores e usos para eles. Fale-me sobre a interseção entre valor, circulação, troca e acumulação produzida em seu trabalho.**

Jac Leirner Presenças pequenas e sem valor também chamam minha atenção. São coisas que caem nas mãos de quase qualquer pessoa no globo, e, na medida em que caem nas mãos de todos, elas são descartadas ou retornam para seus circuitos específicos – por exemplo, as cédulas de dinheiro terminam nos bancos. Estou falando de etiquetas de preços, maços de cigarro vazios, cartões de visita, sacolas plásticas, adesivos, fitas adesivas ou legendas de obras de arte. São coisas que não parecem ter o poder de se tornarem preciosas. Mas se tornam preciosas quando adquirem novos significados, pertencendo a uma nova situação, constituindo uma obra de arte, cheia de referências na história da arte. Através da concentração e acumulação desses objetos antes descartáveis, suas cores se tornam visíveis, seus pesos determinam lugares, formas, novas situações. Eles começam a pertencer a uma fatia muito especial do mundo.

A relação entre ausência e presença, o corpo e o fantasma, parece carregar especial significado para você; por exemplo, a palavra "cem" tem proximidade fonética com "sem", em títulos como *Todos os cem* (1998), *Ghost* (1991) ou *Corpus delicti* (1992). Os objetos que você utiliza estão de algum modo "mortos". Retirados de circulação e sem sua função original, eles agora representam marcos históricos; suas cédulas, um índice da crise econômica brasileira nos anos 1980; a série "Corpus delicti", um arquivo da experiência de voar antes do 11 de setembro. Fale-me dessa dialética entre ausência e presença que acontece no trabalho.

Eu inverteria o que você disse. Acho que trago objetos de volta à vida na medida em que são furtados de seu destino de serem descartados ou colocados no passado. A economia inflacionária brasileira dos anos 1980 estará

Título Jac Leirner
Data 2013
Publicação PEDROSA, Adriano; DUARTE, Luisa (eds). *ABC – Arte Brasileira Contemporânea*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

Autor Julieta Gonzalez
Artista Jac Leirner

2

sempre presente na série "Os cem" (1985-87) ou nas etiquetas de preços de *Pulmão (Economia inflacionária I e II)* (1985-87). Cinzeiros e facas de aço que não mais pertencem a poltronas e serviços de aviões serão sempre parte de *Corpus delicti*. Dar nomes a trabalhos de arte nos permite agregar novos significados que não são necessariamente relacionados a suas presenças formais. Às vezes tento fazer um uso radical das palavras, como no caso de *Os cem*. *Ghost* se refere a *Os cem* e é o corpo do trabalho que o torna visível.

Formalmente, seu trabalho parece alinhado com o legado da arte moderna brasileira. Como ele dialoga ou problematiza a tradição moderna brasileira?

É claro que meu trabalho não existiria se não fossem minhas referências. Mas, entre elas, incluo outros períodos da história da arte: dadá, arte conceitual, pop, minimalismo, *arte povera*, assim como meus contemporâneos, trabalhando no mesmo lugar que eu. Mas a experiência de viver com um momento muito rico e específico da produção brasileira contemporânea com a coleção de arte construtiva de meus pais formou definitivamente a maneira como penso e faço as coisas. O lado formal de meu trabalho vem dessa experiência.

Em seu trabalho mais recente, há uma volta mais explícita para a intervenção nos objetos cotidianos, como alterações feitas em sacolas plásticas, que as tornam abstratas. A questão da ausência reaparece de maneira muito explícita. Fale-me desses trabalhos recentes.

Houve um tempo em que eu não podia mais pensar em sacolas plásticas. Não podia fazer mais coisa alguma com elas, elas me levaram à exaustão. Mas de repente as coisas mudaram e eu pude superar meus sentimentos em relação ao material – vinte anos depois, eles se renovaram. A parte principal da sacola, o nome, o local onde o produto foi comprado e seu design foram retirados. Havia um vazio, e o material se tornou esqueleto. É por essa razão que eu chamei a série de "Osso". Mas ainda há uma pequena presença da sacola plástica que está impregnada de significado. E aqui o esqueleto adquire uma espécie de vida.

3. ***Todos os cem (com remendos)***, 1997
papel-moeda e entretela
100 x 30 cm

4. ***Little Light II***, 2005
carretéis de madeira, fio de cobre, lâmpada, palet de madeira e soquete de tomada
dimensões variáveis

5. ***To and From (Bohen)***, 1998
envelopes, adesivos e fitas adesivas
11 x 23,5 x 8,5 cm

6. Vista da exposição ***Little Light***, 2005
Centre d'Art Contemporain de la Ville de Saint Nazaire

7. ***Big 38***, 2013
metal, plástico, madeira e acrílico
104,2 x 300 cm